



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

A FONÉTICA E A FONOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sebastião Elias Milani
(Universidade Federal de Goiás)
Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor
(Instituto Federal de Goiás)

RESUMO: Os manuais de fonologia que são usados nas universidades apontam para a existência de 19 fonemas consonantais, 2 semi-consonânticos, 7 vocálicos orais e 5 nasalizados. Fonologicamente a escrita em língua brasileira registra com letras o discurso escrito. Reconhece-se empiricamente a existência de variantes faladas no Brasil, como Caipira, o Nordestino, o Nortista, o Sulista. O Caipira frequentemente é subdividido em falares múltiplos, nem poderia ser diferente, porque envolve os estados do Sudeste e do Centro-Oeste, bem como Rondônia, parte do Tocantins e do Paraná. São milhões de pessoas com muitas formações. O falar Nordestino inclui todos os estados. Não se poderia deixar de reconhecer que populações enormes e antigas, como das capitais Salvador, Recife e Fortaleza, apresentem falares muito diferentes entre si. Os manuais definem falares regionais, locais e individuais. Ao comparar os falares do Ceará e o do Rio Grande do Sul, do ponto de vista fonológico, discutir se é ou não a mesma língua, porém, com certeza, muitas diferenças muito engraçadas seriam encontradas. A fonética encontra as diferenças e às vezes resolve as enormes transformações que um mesmo fonema sofre nas suas manifestações alofônicas. Ao se fazer isso, multiplica o preconceito, chamado de engraçado, dos falares diferentes, na valorizada riqueza das diferenças culturais e linguísticas.

PALAVRAS - CHAVE: Fonética. Fonologia. Ensino. Significação.

INTRODUÇÃO

No Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure (1854-1913) explicou muitas coisas importantes para todos os pensadores da linguagem. De suas explicações nasceram grandes desenvolvimentos para as teorias linguísticas do século XX. Nesse texto pretende-se uma demonstração do acontecimento da semiose no pensamento dos indivíduos, partindo das explicações semânticas para o signo linguístico e demonstrando como é possível entender o acontecimento da significação, na medida em que ela aconteça de fato, qual seja no encontro de um plano de expressão com um plano de conteúdo.

A fonética estuda a estrutura natural do plano de expressão das línguas naturais, enquanto que a fonologia estuda a estrutura ideal do Plano de expressão das línguas naturais. Para ambas o plano de conteúdo é importante como elemento que faz um som natural da voz um som lingüístico, portanto, é o plano de conteúdo que faz uma voz ser humana e ser língua.



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Essa distinção entre fonética e fonologia ocorreu no início do século XX, apareceu no Curso de Linguística Geral e sua ideação completa apareceu no Círculo Linguístico de Praga.

O fonema, objeto de estudo em questão na fonologia e na fonética, apresenta na lingüística, teoria vinculada ao modernismo, uma feição simulacro da existência humana, a mesma descrita pelos gregos na era clássica, ou seja, um lado físico e outro psíquico. Esses dois lados do fonema possuem funções específicas, o físico, que pode ser descrito articulatoriamente, é casa vazia, com características abstratas e realidade funcional. O lado psíquico, tal e qual a descrição do signo em Saussure, distingue um significado de outros significados, tal característica é que faz de uma articulação um fonema de uma língua.

O fonema como unidade básica da semiose

A explicação básica para o acontecimento da semiose é o encontro do plano de expressão com um plano de conteúdo no pensamento. É preciso adiantar que, como fato primário, somente em um texto linguístico isso está previsto, em expressões manifestadas por meio de matéria não linguística a semiose não existe, somente na língua ela acontece. Logo, para que uma expressão seja texto, ela precisa da ação de um pensamento, carregado pelo conhecimento de uma cultura numa língua. Assim, chega-se ao que Saussure disse: “a língua é que faz a unidade da linguagem” (1995, p. 18).

Está dito que qualquer manifestação da linguagem humana é matéria da Língua, mudando a ordem dos termos, pode-se dizer qualquer manifestação da linguagem é *matéria linguística*. Simplificando que, se a língua é o objeto de estudo da Linguística, só será matéria linguística o que for língua. Isso deve ser entendido em sentido unilateral, porque só pode ser língua o que for semiose, não acontecendo semiose não é língua. Logo, não pode ser matéria da linguagem nem para a Linguística ou qualquer ciência que estude linguagem. Citando Saussure (1995, p.15): “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana”.

O objeto da Linguística é a língua. A linguagem tem um lado individual e um lado social (p. 16). O lado social é a língua e o lado individual é a *parole*. A língua é concreta, assim o é porque pode ser percebida pelos sentidos. A *parole* não pode ser percebida pelos sentidos, porque está no pensamento do indivíduo. Então, de qualquer perspectiva que se tiver observando e estudando uma manifestação de linguagem, sempre se estará percebendo a



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

língua, a parte social. Em nenhuma circunstância se terá acesso ao produto da individualidade, a *parole* não pode ser estudada, porque ela depende de um evento social para existir e sempre estará sob a mesura da comparação entre os participantes desse evento, ou seja, somente o que é social, conhecimento na língua, pode ser percebido, logo, a individualidade desaparece.

Seguindo-se com a pergunta que Saussure faz: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” (p. 15). A resposta todos a sabem, ele disse que era a língua, a parte social da linguagem. A língua e a linguagem fazem parte da mesma função relativa ao corpo humano que é a comunicação, mas, ele disse que a língua não se confunde com a linguagem, porque ela, entre outras coisas, faz parte dos fatos humanos, enquanto a linguagem não o faz. Essa definição para as duas, língua e linguagem, abre a principal e mais importante diferença esses dois conceitos de Saussure. A linguagem é anterior aos fatos que um ser humano pode produzir, ela estaria dada na concepção do corpo físico, faz parte do corpo humano como uma de suas funções, nos termos racionalistas ela é inata.

A língua é um fato humano, logo foi preciso que existisse o ser humano, com a linguagem, para que a língua pudesse ser criada. Ela foi criada como uma estrutura, por assim dizer, que permite a elaboração, numa ordem progressiva, dos sentimentos ou vontades ou paixões e ações, para dar a conhecer a outrem os valores individuais. A fórmula somente pode ter nascido no ato do fazer da *parole*. Então, entre dois seres humanos, *parole vai e parole vem*, e o que for comum aos dois torna-se a língua. Não exatamente comum, mas de alguma forma compartilhado, porque o que é somente parte de um dos seres humanos envolvidos não poderá ser parte compartilhada. O processo acontece no pensamento. Pensamento é o nome em português para o processo de pôr o corpo humano, na parte responsável pela linguagem, em ação.

Resumindo: o pensamento ocorre no indivíduo, ou mais bem, no corpo humano, lá dentro dele, logo, não pode ser percebido por outrem. Esse fato é todo psíquico; outro nome, socialmente partilhado pelos linguistas. Esse é o pensamento abstrato, deste que escreve este texto, tentando superar os limites de sua própria estrutura adquirida para demonstrar o que pensa individualmente! O fato é que somente pode fazê-lo por aquilo que é conhecimento partilhado na língua, assim mesmo, provavelmente, de poucos, aqueles que também engajam seu pensamento sobre esse mesmo assunto. O pensamento é individual logo, se ele é que usa a estrutura e sempre foi ele que usou a estrutura, ela também é individual. Quando essa estrutura é usada para dar a outrem, conhecer pela *parole*, algo que está no



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

pensamento, somente conseguirá naquilo que estiver concretamente tornado conhecimento socializado.

A *parole* é então a materialização das paixões e das ações. Ela segue as estruturas socializadas. Como disse Saussure, dela o indivíduo é senhor. Pode-se dizer que Saussure apontara a responsabilidade do indivíduo, muito mais do que seu poder. Pode-se se ser responsabilizado pelo que se disse. Logo, a elaboração deve ser arranjada no esforço de se atingir a perfeição. A *parole* é manifestação material do processo psíquico que inclui todos esses nomes: pensamento, linguagem, sentimentos, paixões, língua, idéias etc. Como qualquer manifestação da linguagem pode ser matéria de estudo da Linguística, e seu objeto concreto é a língua, a parte social, chega-se a determinar que os linguistas somente podem estudar aquilo que é social, jamais o que seria individual, nem como linguagem nem como *parole*.

Uma questão deve ser evidenciada em relação ao Curso de Linguística Geral, já que esse artigo trata dos conceitos da Linguística. No CLG, Saussure tem como objetivo principal ensinar a metodologia de estudo, muito mais que os conceitos. Dito isso, a frase do Curso: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15), produz um valor importante a ser explicitado, o ponto de vista é a metodologia. Os linguistas sempre estudam a língua, mas a metodologia recorta a língua e faz nascer um objeto concreto. Então, de acordo com Saussure, todos aqueles que estudam a manifestação da linguagem humana em dois planos, expressão e conteúdo, ou seja, a língua, são linguistas. Aqueles que estudam a manifestação da linguagem em um só plano, o da expressão, também são linguistas, porque todos os discursos só podem ser estudados no formato de uma língua e da cultura a ela vinculada.

Separadas metodologicamente assim, dentre a linguagem, a língua e a *parole* (discurso), a única que pode ser concreta é a língua, porque se constitui como instituição. Ela se torna estática, ou mais bem dizendo, pode ser imobilizada ou estabilizada para ser analisada. Na condição estática, na forma concreta da língua, toda expressão tem conteúdo, ou seja, o signo tem significante e significado. Isso quer dizer que o exercício da linguagem alcançou a condição de forma partilhada entre falantes, portanto, língua concretizada em texto. Individualizada, a manifestação da linguagem não pode ser estudada. Obviamente os indivíduos não são iguais, todos os outros sabem de sua individualidade, mas ela fica indizível, somente por meio de conhecimentos sociais pode-se dizer algo, e o individual é indizível.



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Certos seres humanos conseguem demonstrar que reconhecem a individualidade de outrem por meio de imitações de seus traços de fala, de *parole*, de comportamento etc. Isso é reconhecer os traços da individualidade e projetá-los como sendo do outro e reconhecer o outro como particular, mas a imitação ou a mimese é também orientada por valores compartilhados linguisticamente como conhecimento, logo, somente o que fica socializado pode ser imitado, o que de fato é individualidade nunca poderá ser.

O signo é somente expressão em todas as formas de manifestação da linguagem. Quando se considera que a manifestação da linguagem pode ser em materiais que são monoplanos e que todas as manifestações são somente expressões, chega-se a síntese de que o signo é somente expressão. Nos diversos modelos de signo produzidos pelos pensadores da linguagem, o conteúdo ou conceito, significado para Saussure, aparece vinculado à expressão de um modo ou outro, a depender da metodologia adotada. Em Saussure, que estuda a manifestação como texto, ou seja, como forma socializada, nesse estado o signo é formado pelo significante e pelo significado, numa relação arbitrária absoluta.

Fontes debatedoras do tema

Em Platão, no Teeteto e no Crátilo, o nome é a parte mais fraca do arquétipo que organiza a linguagem, a língua e a *parole* são como um substituto das coisas. Entre as coisas do mundo e os nomes atuam a cultura com seus conceitos, a inteligência, a ciência e a sabedoria. O nome é a parte mais fraca porque pode ser substituído e é feito de matéria que se dispersa. Todo nome remete a um *logos*, a sua matéria psíquica eventual, produzida a partir de um ideal cultural, mais estável, para aquela coisa. Então, o *logos* acontece no evento concreto da *parole* entre dois indivíduos. O mediador entre os indivíduos é o *eidolon* (imagem), o ideal cultural. Ele possibilita que a manifestação da linguagem em um nome tenha nos indivíduos *logos* assemelhados, capazes de fazer a todos reconhecerem a coisa.

Aristóteles no texto *Da Interpretação* analisa o enunciado. Esse enunciado é construído por partes, mas essas partes não significam nada separadas. As palavras, para serem símbolos dos sentidos que a alma cria, precisam passar pela ação do tempo verbal. Desse modo, disse Aristóteles, os sons emitidos pela voz são símbolos de estados da alma, e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz. O que está patente é que as



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

palavras para existirem, devem ser símbolos. Os nomes são sons da voz, que possuem significação convencional, quando não tiverem sofrido a ação do tempo verbal.

Aristóteles afirma que a palavra não significa nada por si mesma. Nenhuma palavra é por natureza um nome. Um conjunto de sons vocais não forma um nome. O que o transforma em nome é a ação simbólica, que faz com esse nome seja símbolo de alguma coisa. O que condiciona a significação entre os seres se as palavras não são as mesmas é que as imagens dos estados de alma são as mesmas e as coisas, as quais os nomes fazem referência, também são as mesmas. Em síntese, em Aristóteles existem palavras, feitas de sílabas, que devem convencionalmente ser símbolos das imagens dos estados de alma. Assim, como convenções, elas entram no discurso e sofrem a ação do tempo verbal, para que então se tornem enunciados.

Em Wilhelm von Humboldt o signo representa a imagem acústica, ou seja, ela é o signo. Quando ela entra em um discurso e torna-se língua, adquire um conceito e uma identidade cultural. O signo é símbolo do conceito e da identidade cultural a ele associado. Humboldt estudou o signo como parte do discurso, a forma materializada da linguagem; para ele, um racionalista kantiano, essa era a forma real e única da linguagem. Todas as sílabas que entram na estrutura de uma palavra em um discurso seriam signos de um conceito e de uma identidade cultural. Interessante notar que para Humboldt, como para Aristóteles, as sílabas são as unidades mínimas de constituição dos signos. Elas podem ser constituídas de um som articulado ou de vários. Geralmente são constituídas de um consonântico e de um vocálico, sendo que somente os vocálicos podem ser sílabas sozinhos. Humboldt diz que normalmente são necessárias várias sílabas para compor uma palavra. Ele afirmou que quanto mais bem articulados forem os sons, mais claros e significativos eles serão. São, portanto, os sons articulados que adquirem conceito e identidade cultural em um discurso.

Louis Troler Hjelmslev (1939), chamando de teoria Glossemática, partindo das afirmações de Saussure, propôs que, o que entra para o conjunto do discurso é uma cadeia de significantes que adquire um significado. Existe um processo que faz as unidades da cadeia significante, chamadas por ele de functivos, funcionarem como disparadores do significado. A cadeia de significantes, nomeadas no livro *Prolegômenos* como Plano de Expressão - PE, adquire um Plano de Conteúdo - PC. PE e PC são fórmulas psíquicas que se articulam em forma e substância. A parte profundamente psíquica é a substância do plano de conteúdo ou, num outro nome, pensamento, que fica organizado por uma forma, ou seja, a forma do PC,



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

que é a língua. O plano de expressão possui a articulação como substância e, como forma, o fonema. O fonema é a unidade básica que realiza materialmente a fusão entre os dois planos. A semiose, como já foi acima dito, acontece no encontro entre os planos de expressão e de conteúdo do texto.

A complexidade se reduz ao momento em que o fonema, plastificado com o som ou com a imagem, entra em um corpo físico textual. Ele passa a ser um functivo entre os dois planos. Hjelmslev estudou o processo de construção da significação como enunciado, quando o enunciado já completou todas as etapas linguísticas e já é um objeto social. Em seu discurso têm importância zero as etapas de aquisição da língua, porque o texto é a linguagem, a língua e o discurso em pleno funcionamento. Deve estar isso claro porque os seus antecessores nunca abandonaram o processo de aquisição da língua. Como disse Saussure no Curso, o ser humano tem a capacidade de adquirir/aprender uma língua.

O conhecimento e a língua

O conhecimento é social e está registrado na língua. Supondo o signo como casa vazia, ele requer o preenchimento com um valor. Na execução do signo em um texto, o conhecimento entre os indivíduos é variante, logo, a fórmula da convenção social precisa ser relativizada: os indivíduos não possuem essas tais convenções em comum, mesmo no caso de signos muito comuns no ambiente de convívio. Não se trata aqui de referência. Então, o que os indivíduos fazem é repetir o conhecimento relacionado ao signo, como adquirira de falantes mais experientes. De fato, não existe convenção, mas repetição de valores, veiculados em um texto por meio de signos. A repetição de valores produz um conhecimento associado ao signo. Enquanto a repetição continuar o signo terá sempre um valor aproximado, e esse será seu significado na língua. Como disse Saussure, ele se repete porque se continua; a arbitrariedade do signo o coloca a salvo de mudanças.

Em última e única instância, o que é repetido são os sons articulados. Como disse Hjelmslev, eles são os functivos que produzem a semiose. Sinteticamente dizendo, são os fonemas que são repetidos. Segundo Humboldt, quanto mais bem pronunciados, mais precisos e eficientes serão seus efeitos. Assim, a repetição dos fonemas, em conjuntos previamente estabelecidos, reativa valores relativos à cultura. A repetição dos fonemas marca também a



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

identidade cultural, segundo Humboldt, da substância do plano conteúdo no som articulado, ou seja, a variante falada como valor.

CONCLUSÃO

A formação da memória linguística de um indivíduo depende da repetição das formas estruturadas. Os falantes mais experientes tornam-se os predecessores dos menos experientes e a repetição das formas transmite o conhecimento. Como se disse, somente os fonemas são repetidos, e um valor é construído entorno dessas unidades materializadas. Ninguém pode ter certeza do valor que outrem atribuiu a uma unidade formal materializada, porque isso é individual, mas sempre pode repetir, como língua, o valor desejado para esse outrem e construir dentro dele esse valor. O fato é que não existe significado para nenhuma forma expressa por um indivíduo, o significado será um eco de outras repetições. Caso no indivíduo nunca existira uma repetição da forma, não existirá significado ou valor para ela.

O significado dado é construído no evento da *parole*, por meio de repetições de valores. Repetem-se os fonemas, numa ordem antes repetida. Assim repetem-se os outros elementos envolvidos no evento. A eficácia da estrutura organizada depende de existir a repetição da mesma ordem de fonemas em outrem. Assim sendo, o evento inicial de uma estrutura fonológica pode ocorrer para alguém, e se ocorrer, nesse caso haveria incompreensão. Resta o fato de os falantes estarem sempre em algum ponto entre a primeira repetição e a última repetição. Quando se ouve uma língua estrangeira, há sempre eventos em que os fonemas não se realizam. Em todos os casos, sempre há algo que já seja repetição, por menos que se entenda dessa estrutura, sempre se saberá que são vozes humanas e que são fonemas. As repetições dessas sequências estruturadas, elas devem ser estruturadas para serem língua, construirão as distinções dos fonemas, que produzirão valores no enunciado e significados nos signos.

As incompreensões por sua vez também não existem. De modo algum alguém pode não compreender algo. A memória registra repetições, a ausência de repetições implica em desconhecimento da forma e na impossibilidade de construir um valor. Dando um passo atrás, são os fonemas que ativam o significado e constroem o valor. Logo, a significação é construída pelo reconhecimento dos fonemas e da forma que eles realizam. O reconhecimento dos fonemas constrói uma sequência de valores, desde os mais superficiais, como saber que



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

ele pertence a uma determinada língua, ou de determinada variante de uma língua. Passa para um nível intermediário que é reconhecer a unidade simbólica que ele realiza, ou seja, o signo, assim reconhecendo também as repetições de significados. Num nível mais profundo, o conjunto de fonema transcende a unidade das formas e realiza um valor, nesse nível memórias repetidas se juntam e ativam um valor que conjunta as idiosincrasias envolvidas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- *Organon: Catégories e de l'interprétation*. Paris: J. Vrin, 1946.
- HJELMSLEV, Louis. *Essais linguistiques*. Paris: Minuit, [1939] 1968.
- *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HUMBOLDT; Wilhelm Karl von - *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990, 1ª. ed.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril cultural, [1706] 1969.
- MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia-Linguística de Wilhelm Von Humboldt*. São Paulo: Paco editorial, 2012.
- *Aspectos Historiográfico-linguísticos do século XIX*. São Paulo: Paco editorial, 2011.
- NESTOR, Paulo Henrique E. S. “Estudo diacrônico sobre fonética em Mattoso Câmara”. In: V CONPEEX – Congresso de pesquisa, ensino e extensão. Goiânia: UFG, 2008.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto - Crátilo*. Belém: UFPA, 1973.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, [1916]1995. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.